

## MULHERES QUILOMBOLAS: UMA LEITURA DO PAPEL SOCIAL DAS MULHERES NO FESTEJO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE MARIA RIBEIRA<sup>1</sup>

Sandra Maria JOB (UFPA)

Maria das Graças dos Santos BRILHANTE (G-UFPA-PARFOR)

### Resumo

O presente trabalho aborda parte da história da Comunidade Quilombola Divino Espírito Santo de Maria Ribeira e o festejo do Divino Espírito Santo, buscando identificar dentro deste festejo o papel que cabe às mulheres nesta atividade cultural e religiosa que é secular. Para tanto, parte-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico respaldada por Scott (1999), Job (2011), entre outros, e uma pesquisa de campo que envolveu quatro mulheres sendo elas; Dona Maria Seara Serra, 97 anos; Dona Deolinda Pombo dos Santos 67 anos, Dona Vitória dos Santos Gomes, 59 anos e dona Maria Salete de Castro Pombo, moradoras renomadas dessa Comunidade que participam ativamente da festividade e que são quilombolas e/ou remanescente de quilombo.

**Palavras-chave:** Quilombo. Mulheres quilombolas. Festejo do Divino Espírito Santo.

### Introdução

O presente trabalho aborda parte da história da Comunidade Quilombola Divino Espírito Santo de Maria Ribeira e o festejo do Divino Espírito Santo, buscando identificar dentro deste festejo o papel que cabe às mulheres nesta atividade cultural e religiosa que é secular. Para tanto, parte-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico respaldada por Scott (1999), Job (2011), entre outros, e uma pesquisa de campo que envolveu quatro mulheres sendo elas Dona Maria Seara Serra, 97 anos; Dona Deolinda Pombo dos Santos 67 anos e Dona Vitória dos Santos Gomes, 59 anos, moradoras<sup>2</sup> renomadas dessa Comunidade e ativas participantes da festividade.

Para atingir os objetivos, primeiro trataremos um breve histórico sobre a Comunidade Quilombola Divino Espírito Santo de Maria Ribeira (a partir de agora Comunidade Maria Ribeira) para, em seguida, discorrer sobre o festejo do Divino. Posteriormente, o objetivo será identificar e analisar o papel que cabe à mulher dentro dessa festividade. O intuito é verificar se dentro dessa atividade cultural e religiosa a mulher desempenha (ou não) papéis socialmente construídos.

### 1 Gênero: considerações teóricas

Na sociedade ocidental, as mulheres, desde o século passado, vêm reivindicando direitos em nível social, político e econômico. Muitas dessas reivindicações já conquistadas podem ser

---

<sup>1</sup>Este trabalho é fruto de uma pesquisa patrocinada pelo edital CNPQ/Universal/2014 e que está em sua fase inicial. A mesma está vinculada ao Grupo de pesquisa EGERA (Estudos de Gênero e Raça) coordenado pela Profa. Dra. Sandra Maria Job.



observadas no dia a dia das mesmas. Isso, contudo, não significa que as desigualdades sociais impostas a elas por séculos tenham sido extirpadas. Muito pelo contrário, pois elas ainda existem e, além disso, a visão patriarcal que cerceia as relações humanas ainda vitima muitas mulheres. Para combater isso e evitar que se propaguem para as gerações futuras, discussões, investigações envolvendo gênero são ainda de suma relevância.

Neste contexto, vale lembrar que quando falamos em gênero, estamos falando de “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 5). Ou seja, dentro das relações sociais, homens e mulheres são tratados de formas diferenciadas, isto é, o que vale para um não vale para outro. Nesse sentido, por exemplo, um homem se relacionar com várias mulheres têm um determinado valor/significado. Se é uma mulher que tem relacionamento com vários homens o significado/valor disso não é igual ao que é dado para o homem. Para conceituar/discutir tais diferenças e dar um significado as relações de poder (quem é superior a quem e por que é superior) o termo gênero vem para denominar/classificar essas relações desiguais entre homem e mulher dentro da sociedade.

De acordo com Job (2011), as relações desiguais de gênero designaram e vêm tentando, até hoje, designar a todos os indivíduos a posição, o papel e como eles devem ser e se portar na sociedade. Desta forma, às mulheres têm cabido o papel de zelar/cuidar da casa, dos filhos, do marido, por exemplo. Em suma, desempenhar o papel de dona de casa – área pertencente a do privado. Cremos que isso não é o problema se é uma escolha consciente por parte da mulher, mas se esta função é desempenhada por ser “naturalmente” atribuída como algo específico e próprio da mulher, então tais papéis sociais devem ser repensados. Como tem sido feito dentro da academia, por exemplo.

Ainda no que concerne às discussões sobre gênero dentro da academia, para Anzaldúa,

o que é considerado teoria na comunidade acadêmica dominante não é necessariamente o que é teoria para as mulheres de cor. A teoria produz efeitos que modificam a gente e a maneira pela qual se percebe o mundo. Por isso precisamos de teorias que nos permitam interpretar o que acontece no mundo, que expliquem como e porque nos identificamos com certas pessoas de maneiras específicas, que reflitam o que acontece entre os “eus” internos, externos e periféricos e entre os “eus” pessoais e o “nós” coletivo de nossas comunidades étnicas. (ANZALDÚA, apud SADLER, *online*)

Ela não é a única a reivindicar um olhar – teórico e pragmático – para as mulheres de cor assim como para aquelas/es cujos problemas sociais vão além dos problemas pertinentes às mulheres brancas, classe média alta.

Neste contexto, volver nossos olhos para as mulheres quilombolas é de suma relevância.

Primeiro por que em se tratando das mulheres do quilombo Maria Ribeira, tem-se ali mulheres que



trazem no sangue, na pele, nos olhos a mulher indígena e negra. Além disso, são mulheres afro-indígenas cuja classe social vai além do que a sociedade classifica como de baixo poder aquisitivo, visto que na condição de também mulher ribeirinha a condição social delas é um caso que até hoje ainda podemos considerar ímpar no contexto brasileiro. Diante disso, nesse trabalho, apresenta-se também uma oportunidade para se ouvir e ler, ainda que de forma parcial, dado o objetivo desse trabalho e o espaço do mesmo, quem são algumas destas mulheres de cor e ribeirinhas que vivem na Comunidade Quilombola Divino Espírito Santo de Maria Ribeira.

## **2 Comunidade quilombola Divino Espírito Santo de Maria Ribeira<sup>3</sup>: um pequeno trecho perdido no rio Amazonas**

A Comunidade Quilombola Divino Espírito Santo de Maria Ribeira está localizada à margem direita, (da nascente para a foz) do Rio Amazonas. Ou seja, descendo o referido Rio, encontrar-se cerca de 11 km em linha reta, da sede do Município de Gurupá, que por sua vez, fica no baixo-Amazonas, adentrando à Ilha do Marajó, Estado do Pará. A Comunidade Maria Ribeira limita-se ao norte, com o rio Amazonas; ao sul, com o Quilombo Jocojó; à leste, com a Comunidade Gurupá-Miri e a Oeste, com o lugarejo Jijuí.

O acesso a esta Comunidade atualmente é essencialmente via transporte hidroviário. Mas estão sendo feitas estradas que interligam a sede do município às comunidades circunvizinhas.

Hoje, está composta por 84 (oitenta e quatro) famílias, as quais forma uma população de aproximadamente 380 pessoas (segundo levantamento da escola existente no quilombo). No entanto, vale ressaltar que essa população está dividida em duas partes: na primeira parte estão inseridas as pessoas nascidas e criadas na comunidade, e na segunda parte as que migraram de outros lugares e se fixaram no local. Algumas casaram-se com pessoas nativas deste lugar e assim contribuíram diretamente para o aumento da população.

Sua localização, assim como de muitos outros quilombos, Maria Ribeira está diretamente relacionada à geografia do lugar. Pois, segundo relatos de antigos moradores, os negros<sup>4</sup> procuravam lugares de difícil acesso, próximo às nascentes de rios para que pudessem suprir às

---

No dia 20 de novembro de 2001, integrantes do governo estadual do Pará vieram ao quilombo fazer a entrega do tão desejado título definitivo da propriedade ribeirense.

<sup>4</sup>Vale lembrar que “durante a vigência do monopólio comercial do tráfico pela Companhia Geral”, entre os anos de 1756-1778, foi introduzido na Amazônia portuguesa um número de escravos possivelmente superior aos 28.852 africanos desembarcados nos portos de São Luiz e Belém pelos navios da companhia. Destes, 16.582 escravos negros foram enviados para o Grão-Pará [...] ainda que cerca de um terço do total de africanos ingressos no porto da capital paraense fossem vendidos para Goiás e Mato Grosso, tornando-se Belém não somente um centro receptor de trabalhadores escravos negros, mas também polo de redistribuição na região amazônica e capitanias limítrofes. (BEZERRA NETO, 2012, p.55).



necessidades domésticas e de trabalho e, ao mesmo tempo, refugiar-se de seus perseguidores. Foi o caso desta Comunidade Quilombola, como pode ser observado na fala abaixo.

Os iscravo ficava fugindo dus sinhôris lá pro Pacoval, lá donde mora hoje a Jita Bragança<sup>5</sup>. Era pelo mato qui elis ia. Era puxando casco im cima du baixo e era tudo parente dus preto da nossa Ribeira. Elis se chamava di chamãna<sup>6</sup> pros pessuá mais velhas. Quando era cumprado, elis chamava di meu sinhô prus donos delis. Tudú elis tinha medo dus senhor delis porque elis era maltratados, né?! (MARIA SEARA SERRA, 97anos).

Ainda de acordo com relatos de pessoas idôneas, que foram nascidas e criadas nesta Comunidade, como a entrevistada acima, há muito tempo atrás, este lugar chamava-se Guajará-Açu<sup>7</sup>. No início desta localidade, havia poucas famílias que moravam distantes uma das outras. Eram negros fugitivos que se embrenhavam na mata em busca de um lugar que lhes achavam seguros. Hoje alguns desses lugares são conhecidos pelos nomes de parte desses primeiros negros que ali chegaram. Por exemplo: Velho Tiago e Velho Ezídio são partes desse território quilombola, isolados em meio à floresta, que, de acordo com as informações repassadas de geração para geração, os nomes faz jus aos chefes de famílias que se debandaram em fuga da escravidão.

Moradores mais idôneos (*in memoriam*) como Manoel do Nascimento Martins (Tio Puinho faleceu aos 87 anos); Manoel José de Castro (Vô Dudú faleceu aos 97 anos); Manoel Roberto Ramos (Pai Velho faleceu aos 89 anos); Etelvina Serra (Vó Tetéia faleceu aos 88 anos); Maria Sebastiana Felix (Mãe Velha Sabazinha faleceu aos 92 anos); Nazaré Serra (Mãe Zaré faleceu aos 94) e tantos outros que viveram mais de perto os momentos iniciais dessa Comunidade, infelizmente já não podem mais recontar a história deles e dos seus antepassados. Entretanto, suas vozes ainda se fazem ouvir nas lembranças dos mais jovens, nos quais me incluo, enquanto moradora dessa Comunidade, mais que isso, enquanto mulher quilombola/remanescente de quilombo. Conseqüentemente, é inevitável que ao falar da nossa história venha à memória a frase que sempre ouvi eles/elas dizerem. “*A minha mãe contava que os pais dela diziam*”. Ou seja, as vozes primeiras que se fizeram ouvir na Comunidade vêm se perpetuando de geração em geração<sup>8</sup>.

Entre tantas coisas, eles/as ouviam os pais dos pais deles contarem que existiu uma mulher negra que era muito respeitada por todos os moradores desta localidade. Seu nome era Maria Ribeira e ela dizia ser a dona deste lugar. Certo dia, Maria ficou muito doente, tal doença foi tão danosa que ela não resistiu e faleceu. Resolveram então levar o cadáver de Maria para ser enterrado

<sup>5</sup> Jita Bragança, uma senhora idosa, moradora de um lugarejo denominado Pacoval, localizado às margens do Rio Amazonas, localizado a cerca de 7Km (sete quilômetros) do Quilombo Maria Ribeira.

<sup>6</sup> Chamãna era uma forma de tratamento entre os quilombolas. Vale dizer que hoje não se fala exatamente assim, e, alguns quilombolas se chamam “mano ou mana”. O que equivale a pronúncia antiga, que é uma forma de gostar do outro.

<sup>7</sup> Guajará-Açu, segundo consta, na língua Tupi Guarany, Guajará é igual a “rio”, e Açú quer dizer “grande”.

<sup>8</sup> Ou seja, há aí então três gerações (os filhos ouviram o que os avós contaram para seus pais).

em Gurupá (sede do município). Como era verão<sup>9</sup>, o Rio Guajará-Açu estava quase seco e os moradores tiveram que puxara canoa em rio seco por longas distâncias. A certa altura, de acordo com os relatos, não se sabe o motivo, essas pessoas resolveram enterrá-la à margem direita do rio e, a partir daí o Rio Guajará-Açu passou a ser chamado por eles de rio Maria Ribeira, em homenagem a esta anciã.

**Fig. 01 Demonstra o Rio Guajará-Açu no período do verão. A cruz indica o local onde enterraram o corpo de Maria Ribeira**



**Fonte:** (CASTRO, 2007)

Na voz da dona Maria Seara Serra, nascida e criada na Comunidade Maria Ribeira,

Minha mãe nos cuntava qui os pais dela dizia qui nessa época tinha poca gente no lugar qui era chamado Guajará-Açu. O povo daquela época ia imhora para a região das ilha para cortar seringa. Era pro Xingu, pro Jarí, pro Mararu, Murupucu e otros lugares. Intão, quando essa sinhora, já bem idosa chamada Maria Ribeira adoeceu e como a duença fui danosa, ela morreu. Era verão e as pouca gente qui tinha butaram o corpo dela num casco. Lá no centro, das iscabeiceiras do igarapé i viera puxando o casco pelo seco. Elis queria levar o corpo dela pra Gurupá, mas consequiro chegá até abaixo donde é huje du premero puvoado. Intão, devido istare muito cansado, disistiro da viagem ainda tentaro levá de vorta, mais num consequiro (quem sabe si já num tava cum mau chero, né?!). Intão este lugar ficou cunhecido cumo Maria Ribeira em homenage a esta negra que aqui morava”. (MARIA SEARA SERRA, 97 anos).

Considerando que idade de dona Maria Seara esteja correta, ela nasceu em 1917. Pensando que sua mãe estivesse com, mais ou menos, uns 20 anos quando Maria Seara Nasceu, a data de nascimento da mãe poderia ter sido em torno de 1894. Os avós (estes que relataram o acontecimento para os pais de Maria Seara) podem ter nascido na década de 1870. Ou seja, a escravidão ainda não tinha acabado, talvez por isso não tenham chegado até Gurupá com o corpo da morta. Outro dado relevante é que o ciclo da borracha no Pará e arredores (décadas de 70 e 80, do século XIX) estavam, de fato, em plena atividade, o que comprovaria a informação dada pela dona Maria Seara Serra sobre a ida dos moradores para trabalhar no seringal.

<sup>9</sup>Período de raríssimas chuvas na região Norte (esse período comumente compreende os meses do segundo semestre do ano)

De lá, até os dias atuais, muitas coisas, é óbvio, mudaram no Quilombo Maria Ribeira. De acordo com dona Maria Seara,

Quando eu era criança, eu me lembro que tinha três casa levantada cum parede di barro i cuberta cum palha, era Du Lesbino, Du Cuitinho e da Dona Violante. Essa mulher era rica, ela tinha ouro, tinha colar, tinha brinco, mas u pessuá gostava de imparedar as casas cum braço di miriti e casca di invireira i assualhar cum pachiúba. Era muito difícil si vê uma casa assualhada cum madeira. Huje na comunidade quase todas as casas é levantada di ovenaria, coisa qui agente num ouvia falar antigamente (MARIA SEARA SERRA, 97 anos).

**Fig. 02** - Residências antigas.<sup>10</sup>



Fonte: Jean Marie, 1990<sup>11</sup>

**Figura 03:** Vista panorâmica das moradias atuais.



Fonte: Maria G. S. Brilhante, 2015.

Contudo, algumas coisas permanecem inalteradas como é o caso do Festejo do Divino Espírito Santo do qual as mulheres da Comunidade também participam.

### 3 O festejo do Divino Espírito Santo e o papel da mulher quilombola

É sabido que, apesar da pressão do colonizador para impor sua cultura aos povos dominados no Brasil, tanto os negros quanto os indígenas conseguiram manter alguns aspectos da sua cultura. Ou ainda, imprimiram a sua cultura, aspectos da cultura do europeu. Nesse sentido, a Comunidade Maria Ribeiro manteve, com inserção de elementos da cultura europeia, uma festa religiosa, o festejo do Divino Espírito Santo um culto ao Espírito Santo. É uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo popular. De acordo com o Senhor Manoel Serra de Castro, 66 anos, atual presidente da Associação dos Remanescentes de Quilombo de Maria Ribeira:

Minha bisavó, dona Maria Serena Serra, que foi nascida e criada neste lugar, contava que o Divino Espírito Santo é um santo de origem portuguesa, mas que

<sup>10</sup>Os estilos das moradias eram cobertas com palhas, assoalhadas com pachiúba, emparedadas com cascas e/ou tábuas de madeiras ou miriti.

<sup>11</sup>Pesquisador francês, o qual realizou um trabalho de pesquisa, com intuito de segundo ele, escrever um livro sobre a Amazônia, especificamente Gurupá e Quilombo Maria Ribeira. (imagem doada pelo dito cujo).

sempre foi e é festejada pelos escravos. A data desse festejo se confunde com a idade da cidade de Gurupá<sup>12</sup>. O festejo do Divino, desde sua origem, ela foi passada de geração por geração de seus ancestrais no qual sua bisavó fazia o festejo até passar para sua avó<sup>13</sup>. [...].

Os “mestres caixas”, como eram chamados, eram as pessoas que batiam a caixa e cantavam, num ritual de folia. Me recordo do meu pai Manoel José de Castro<sup>14</sup>, Dimiciano, Onoráto, entre outros que já partiram desta vida. Um dos únicos que ainda está vivo é Ozório José de Castro. As rezadeiras eram: Maria Serena Serra, que passou para sua filha, Levinda do Nascimento Pimentel e posteriormente, Maria Seara Serra, que passou para suas filhas Maria das Graças Serra de Castro e Maria Salete de Castro Pombo. Este culto é uma solenidade que atualmente é dirigido por todo povo desta comunidade. (MANOEL SERRA DE CASTRO).

É importante dizer que, de acordo com o histórico da Comunidade Maria Ribeira, produzido pelo Professor Emanuel Santos de Castro<sup>15</sup>, 2008: “algumas famílias migraram para outros municípios, como: Porto-de-móz e Almeirim. Porém, as famílias que aqui ficaram “por sinal foram poucas”, aqui permaneceram, prosseguindo as tradições Quilombolas as quais perduraram até os dias atuais”. E embora atualmente as coisas tenham sido modernizadas, o Quilombo Maria Ribeira ainda preserva algumas culturas quilombolas, como é o caso do festejo do Divino Espírito Santo.

O mesmo tem início dez dias antes do Dia de Pentecostes<sup>16</sup>, às quatro horas da manhã quando ocorre a queima de fogos, chamada de Alvorada, que simboliza o início do Festejo do Divino Espírito Santo. Além desse ritual de abertura, existe todo um ritual que é desenvolvido ao longo dos dias do Festejo que não é o objetivo descrever aqui, posto que o propósito seja analisar o papel social que a mulher desempenha dentro do mesmo.

Neste sentido, portanto, seja porque esta é uma festa de cunho religioso, advinda de uma cultura ocidental, ou ainda seja devido a existência de poucas pessoas na comunidade para

---

<sup>12</sup>A cidade de Gurupá tem 389 anos.

<sup>13</sup>Nome da bisavó era Levinda do Nascimento Pimentel que morreu com 105 anos de idade, segundo o entrevistado.

<sup>14</sup>Conhecido como Pai Dudu, faleceu aos 97 anos.

<sup>15</sup>Emanuel S. Castro é morador, nascido e criado neste Quilombo. Iniciou seus estudos até a 4ª série na Escola local “Castro Alves”. Veio para a Cidade de Gurupá, concluiu os ensinamentos Fundamental e Médio. Formou-se Pedagogo pela UEPA, retornou ao Quilombo de origem para atuar como Professor e teve o anseio de indagar os moradores ribeirenses, principalmente os mais antigos, com o intuito de desvendar, conhecer e compartilhar com seus alunos a História do Lugar Maria Ribeira.

<sup>16</sup>Dia de Pentecostes é biblicamente “A vinda do Espírito Santo”. Calendariamente festejado num domingo de maio ou junho.

participar da mesma<sup>17</sup>, o fato é que as mulheres da Comunidade têm participado ativamente dela. Para o senhor Emanuel Castro<sup>18</sup>,

Desde bem criança eu prestigio a festividade de nosso padroeiro Divino Espírito Santo. Fui um dos foliões, com a função de bandeireiro, até meus dezesseis anos de idade. Nós acordávamos de madrugada e às quatro da manhã vínhamos pra capela para cantar a alvorada. Sempre observei à fé, o respeito, a devoção para com o Espírito Santo. As pessoas doam os donativos com todo afeto. É interessante observar a fé das pessoas, o respeito no ato de benzerem-se diante da imagem, os promesseiros, etc. é uma tradição magnífica, que a gente sente aquele bem-estar. Recreia o espírito. **E as mulheres têm participações importantíssimas em vários momentos do festejo. São elas que têm a sensibilidade de enfeitar e dá o brilho no altar; são elas que tomam a frente para cantar a ladainha e fazer soar com mais veemência, com aquele timbre que embeleza mais ainda. É perceptiva a preocupação quando elas estão dando aquele auxílio básico no preparo dos alimentos para os devotos. Não é machismo, mas a comida fica mais saborosa.** Então, eu sinceramente, não imaginaria a ausência das mulheres numa festividade de grande tradição para nosso povo. Elas têm participação ativa.

Para Vitória dos Santos Gomes (professora aposentada do quilombo),

As mulheres **têm um trabalho extraordinário, porque elas fazem a celebração da ladainha em latim**, elas são mantenedoras de andar com os foliões na casa dos irmãos, colhendo os donativos pro leilão, **são zeladoras da igreja também, são cozinheiras, ajudam a lavar a mão dos inocentes depois da mesa que servem pros inocentes comerem.** Então, todo este trabalho é as mulheres que fazem na comunidade. E não é só na festa do Divino Espírito Santo, mas ela tem também o domingo denominado ao grupo de mulheres que é o terceiro domingo de cada mês, elas fazem a celebração do culto e também nos outros dias que são do grupo de veteranos, crianças ou jovens as mulheres também ajudam a fazer a leitura e tiram o canto. Então as mulheres têm um trabalho muito importante no Quilombo Maria Ribeira.

Na fala de dona Maria Salete de Castro Pombo (Rezadeira nascida e criada nesta Comunidade).


Sou Maria Salete de Castro Pombo tenho 52 anos, nasci e me criei nesta comunidade, sou rezadeira deste festejo. Desde criança participo deste movimento cultural.

O início da festa começa com a alvorada na casa dos irmãos, primeiro na casa do juiz ou juíza do mastro, na do imperador ou imperatriz e na dos mordomos. As 09: horas da manhã às pessoas vão no mato a busca do mastro. As mulheres vão buscar lenha e outras vão limpar a igreja e o barraco, tudo isso é feito em forma de mutirão. A lenha que é tirada é para fazer o jantar do povo que é servido após a

<sup>17</sup>O objetivo deste trabalho não contempla a investigação sobre os motivos que levam às mulheres a participar do festejo.

<sup>18</sup>40 anos, nascido e criado no Quilombo Maria Ribeira, ex-folião do Divino Espírito Santo, há dezoito anos atua como professor no referido quilombo.





levantação do mastro, as 05 e 30: hs da tarde. O jantar é servido as 06 e 30: hs e as 08 horas começa a ladainha em latim em homenagem ao Divino Espírito Santo. Todas as noites as ladainhas são rezadas até na véspera da festa. Após estas 09 noites chega o dia do festejo que é o dia de pentecostes. Neste dia não rezamos, mais a ladainha é a celebração solene ao dia de pentecostes, antes da celebração é feito o convite dos foliões para a celebração e o ritual da coroação, em seguida temos o ritual do espilouro que é feito em forma de sorteio que são escolhidos os novos festeiros para realizarem a festividade no próximo ano, que são os mordomos, mordomos-porta-bandeira, juiz do mastro e imperador e imperatriz. Após o espilouro nós cantamos o hino do Espírito Santo, logo em seguida os foliões fazem um ritual da descoroação e fazem o convite para o povo em geral para acompanhar até o barraco começa a tradição alimentação. Nesta hora reúne o povo presente e volta à igreja para coroa novamente o imperador para acompanhar as crianças no almoço, onde o imperador coroadado com o Divino na cabeça fica na cabeceira da mesa e ao seu lado fica o mordomo-porta-bandeira com a bandeira e do outro lado da mesa fica o juiz do mastro. O almoço é servido primeiro para os inocentes, onde no momento em que as crianças comem as mulheres cantam. Depois volta a igreja para descoroar o imperador e voltam em seguida para almoçar junto com os foliões e as rezadeiras, ai servem para os foliões e as rezadeiras depois em seguida para o povo presente. Após todos esses rituais as pessoas vão para suas casas e a tarde voltam para a derruba do mastro que é realizado às 05 horas da tarde, onde uma pessoa sobe no mastro para jogar os objetos como: banana, coco, abacaxi, cana-de-açúcar e bombons para as pessoas, essa hora é um momento de alegria. O mesmo traz a bandeira do santo que é colocada na ponta do mastro no dia da levantação em seguida entrega para o próximo juiz do mastro. O procurador, vai ler a relação dos nomes das pessoas que realizaram os festejo para cortar o mastro que é derrubado. Quando os foliões juntamente com o povo fazem um círculo ao redor do mastro do toco do mastro durante três voltas em seguida seguem para a capela para o agradecimento e a avaliação e a avaliação final do festejo.

Nas palavras de outra moradora, o papel social da mulher é importante, pois

É que nós mulheres, estamos presente em quase todos os trabalhos que quer dizer, nós só não vamos buscar o mastro nas matas, mas que os outros trabalhos fizemos todos como: os mutirões, ornamentações, rezar as ladainhas, cantar a folia, fazer o jantar, o almoço no dia da festa são todas as mulheres. Estamos sempre presente nos trabalhos do festejo do nosso padroeiro que são e é nosso santo de nossa comunidade nós mulheres se sente muito feliz por saber rezar em latim apesar de nós não sabermos o significado, mas acredito eu que são coisas boas. Celebrar um Deus vivo, um Deus presente que foi isso que meu pai sempre me falava e minha vó também, que Deus o tenha em seu reino. Ele nos contava como era pra nós não deixar acabar a nossa festa. Então nosso papel nesse festejo é de renovar e nunca acabar.

## Conclusões

Entretanto, é perceptivo que as mulheres deste quilombo, ainda que atualmente as coisas tenham sido modernizadas nesta Comunidade, elas preservam culturas quilombolas, como é o caso do festejo do Divino Espírito Santo. Ou seja, por mais que o trabalho que elas fazem seja um “termo preconceituoso”, pelo fato delas trabalharem mais que os homens, as mulheres fazem isso com

ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

prazer e alegria. Elas preservam esta cultura que se perpassa de gerações por gerações. Assim essas culturas e tradições vão se perpetuando. Cremos que isso não é o problema, se é uma escolha consciente por parte da mulher, mas se esta função é desempenhada por ser “naturalmente” atribuída como algo específico e próprio da mulher, então tais papéis sociais devem ser repensados. Como tem sido feito dentro da academia, por exemplo.

### Referências

CASTRO Emanuel Santos. **Valorização histórica do Quilombo Maria Ribeira**. TCC (Pedagogia). Universidade do Estado do Pará UEPA, Gurupá, 2007.

JOB, Sandra Maria. **Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileira**. Tese (Doutorado em Literatura). UFSC, Florianópolis, 2011. Disponível em: > <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95228/294989.pdf?sequence=1>>. Acesso em 29 dez. 2014.

MORAES, Mércia Coêlho. **O Sagrado e o Profano em Poções**. Monografia (Especialização). Universidade do Estado da Bahia. Santo Antonio de Jesus-BA: UNEB, 2004.

SADLIER, Darlene J. Pós-colonialismo, feminismo e a escrita das mulheres de cor nos Estados Unidos. In: **Mulher e literatura**, ano8, vol. 1, 2004. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres/volume8/Darlene-pos-colonialismo.htm](http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume8/Darlene-pos-colonialismo.htm)>. Acesso em 29 dez. 2014.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p. 5.